

## UM HOMEM SÉRIO

*Eduardo Campos*

Thomaz Pompeu Sobrinho. Poder-se-á dizer dele: um homem sério. E se dizendo assim, ter-se-á dito tudo, que a seriedade expressa o homem de caráter, a criatura respeitável, o cidadão que honra a sua comunidade. Mas seria pouco, que além de sério é homem igualmente culto e trabalhador. Conheço-o há anos, desde quando me acudiu o interesse pelas letras e o vi assinando, não apenas trabalhos de surpreendente oportunidade, mas os de surpreendente e irrecusável cultura. Eu deveria andar por volta dos vinte e poucos anos — e a essa altura do tempo o Instituto do Ceará funcionava nos baixos da Assembléia Legislativa do Estado — quando o vi pela primeira vez e com ele me entendi em proveitosa palestra.

Corriam os dias do Congresso de Poesia. Ali mesmo, naquele local mencionado, reunimo-nos várias vezes para escutar as deliciosas atas do poeta Alúzio Medeiros, então secretário do conclave que despertou os desafetos antipoéticos da turma do Crato, onde pontificavam Stênio Lopes — o mais belicoso integrante do Grupo Clã — e o médico Quixadá Felício, de extraordinária capacidade jornalística.

Pelo menos uma vez por mês, aos sábados, eu poderia desfrutar da satisfação de conversar com Thomaz Pompeu Sobrinho que, com certo pasmo olhava o nosso movimento de jovens revolucionários da literatura, espécie de “beatles” sem as comendas de rainha, que acabariam um dia, uns mais e outros menos, se impondo ao respeito dos coevos.

Era indulgente Pompeu Sobrinho. Poderia fechar-se em sua importância, alhear-se ao temperamento até certo ponto altivo dos novos, fazer-se desatento às nossas aspirações. Mas, ao contrário, era quem autorizava fossem abertas as portas do Instituto do Ceará às nossas reuniões, e ele próprio, como se tanta gentileza não bastasse, quando nos sabia ali congregados, diabolicamente, comparecia sempre para nos cumprimentar e incentivar.

Nós, os do grupo Clã — hoje quase todos diletos companheiros seus de instituições literárias ou científicas — temos por Thomaz Pompeu, por esse motivo de gentilíssimo comportamento humano, e pelas qualidades literárias que emolduram sua vida, uma admiração que se faz unânime. O que não será,

imagino eu, privilégio de uns, mas de quantos, amando as coisas do Ceará, sentem-se rejubilosos de saber que existe alguém, do porte de Thomaz Pompeu Sobrinho, inteiramente dedicado ao serviço desta região, procurando ajudar-nos a amá-la ainda mais.

Unem-se o Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras para festejar os seus oitenta e cinco bem vividos anos, dos quais — pode-se dizer sem exagero — dois terços estão dedicados à história e a conceituação do Ceará em seu panorama ecológico. Merecido tributo prestado a quem, com suficiente propriedade, tem estudado o solo cearense, figurando-o em termos de melhor compreensão física e ajudando os governos a empreender, a seu respeito, uma obra de salvação mais adequada.

Homem de frases bem nascidas, de raciocínio claro, de conceitos firmados sem arroudeio e com economia de palavras, Pompeu Sobrinho sempre diz a verdade por inteiro. Recordo-me das palavras que escreveu em sua "História das Secas": "À incompetência ou vaidade de certos administradores, mais do que a propalada míngua de recursos materiais ou funcionais, deve-se a lastimável escassez de técnicos bem especializados nas questões inerentes à engenharia das secas".

E do mesmo livro eu me permitiria ainda reproduzir pela justeza da idéia: "Não é possível resolver o problema das secas entre nós, ou, o que é o mesmo, o problema da nossa sobrevivência, com o espírito urbanista que tanto nos seduz. Cumpra que os líderes se embrenhem corajosamente pelo áspero recesso dos sertões, e lá surpreendam as verdadeiras fontes da vida, como se apresentam e como evoluem".

Outros poderão louvá-lo sob os mais diversos aspectos. E o louvarão certo. Mas eu o distingo pelas qualidades que mais me comovem: a compreensão exata que tem dos problemas do Ceará; a sua transparente afeição pelos moços estudiosos, pelo muito que fez pelas letras de nossa terra, até hoje, e por aquela seriedade que vi em meu pai até a hora da morte, e com satisfação reencontro-a sempre nos grandes homens de boa tessitura moral.

Eu poderei não saber nomear os dez homens mais cultos do Ceará. Mas o primeiro deles — estejam certos os meus estimados leitores — eu poderia apontar com justiça: Thomaz Pompeu Sobrinho.